

UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS
FACULDADE DE CIÊNCIAS SOCIAIS
CURSO DE MUSEOLOGIA – BACHARELADO

MUSEOLOGIA NO TERMINAL:
NO COMBATE À EXPLORAÇÃO SEXUAL DE MENINAS

MILENA DE SOUZA

Goiânia
2019

UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS
FACULDADE DE CIÊNCIAS SOCIAIS
CURSO DE MUSEOLOGIA – BACHARELADO

MUSEOLOGIA NO TERMINAL:
NO COMBATE À EXPLORAÇÃO SEXUAL DE MENINAS

MILENA DE SOUZA

Monografia apresentada como pré-requisito para a aprovação na disciplina Trabalho de conclusão de curso, apresentado à Faculdade de Ciências Sociais da Universidade Federal de Goiás como requisito parcial para a obtenção do título de Bacharel em Museologia.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a
Luciana Christina Cruz e
Souza

Áreas de concentração:
Exposições Museológicas e
Museologia Social.

Goiânia
2019

Dedico às mulheres antes de mim,
às que estão ao meu lado e às que virão depois.

AGRADECIMENTOS

À minha família, em especial a Mamãe, que sempre me apoiou em minhas escolhas pessoais e acadêmicas, me encorajou a abraçar as lutas nas quais acredito e nunca me deixa esquecer meus valores. Aos meus avós que com sua sabedoria e disponibilidade sempre se dispuseram a debater ideias e aos meus irmãos Vitor e Arthur, que com seu jeito questionador e sincero me dão forças e me obrigaram a olhar por novas perspectivas.

Ao colégio SESC Cidadania, que me possibilitou uma educação integrada e humanista com acesso à arte e a cultura e que esteve presente nos principais momentos de formação da minha personalidade. Assim gostaria de agradecer à toda a equipe da biblioteca que foram minhas principais confidentes e companheiras durante minha vida escolar, que sempre reservavam os livros que achavam que eu ia gostar, anotavam minhas sugestões e tinham paciência para ouvir minhas críticas literárias.

À professora Leonice que de pequena me motivou a contar as histórias que me inspiravam e comoviam. Aos meus professores e professoras de Ensino Fundamental e Médio que me possibilitaram ferramentas para chegar até aqui em especial Ubiratan, Cláudio Henrique, Ana Cristina, Adriano Passos, Júlio, Paula, José Renato, Eliane, Rúbia, Bruno, Marcelo, Raquel, Stéphanie, Reinaldo, Vilson, Takeo, Keyla, Rosilene, Dalcivan, Monteiro, Amarildo, Adriana, Márcio, Sandoval, Kátia, Daniella e Heloísa. À Décio Orlandi, Marcelo, Alexandre Ferreira e tia Ana, gostaria de agradecer especialmente pelos conselhos e momentos de força quando tudo que eu queria era desistir. Ao professor Mário e a professora Gladys que me apresentaram outros mundos através do idioma e me fizeram ter o exercício constante de descolonizar meus pensamentos. Suas aulas e maneiras de ver o mundo estão sempre presentes nas minhas pesquisas.

Agradecer à Universidade Federal de Goiás com sua excelência em ensino, pesquisa e extensão sempre primando em formar profissionais qualificados em suas áreas de atuação. É devido a sua universalidade e integração com a sociedade que pude ter a oportunidade de atuar como estagiária, pesquisadora ou beneficiária em espaços como o Centro Cultural UFG, o Museu Antropológico, o Planetário Juan Bernadino, O Museu de Arte Contemporânea de Goiás e entre outros espaços de aplicação das experiências teóricas as quais fui oportunizada como acadêmica e que me possibilitaram o aprendizado acumulado que hoje possuo.

Agradecer aos projetos Presença Karajá e Museologia com Pipoca por todos os desafios superados e os questionamentos suscitados sobre a produção acadêmica e os desafios da coletividade. E aqui gostaria de incluir a experiência de produção e montagem da

exposição “É Verdade? Uma expo-reflexão sobre fake news” e por meio desta a todas e todos colegas que participaram comigo das referidas experiências. Todos estes coordenados por mulheres que me ensinaram valorosas lições acadêmicas e pessoais.

Ao Movimento de Mulheres Olga Benário, ao Movimento Correnteza, à Juventude Rebelião e à Unidade Popular pela oportunidade do fazer político junto a companheiras e companheiros de jornada que me fortalecem diariamente nas críticas e elogios e me ensinam o cotidiano da revolução.

Agradeço a todas e todos que estiveram comigo na jornada da Museologia especialmente Allinny Raphaele, Giovanna Santos, Gabriela Neres, Amanda Carlotti, Judi Van, Isac Sousa, Camila Beatriz, Bruno Policena, Mara Najar, Vitória Lobo, Gabriella Grillo, Bruna Lemes, Carla Monteiro, Juliana Barbosa, Letícia Saraiva e queria deixar um afago especial para Guilherme Batista cujo processo de acrescentar *in memoriam* na frente ainda é extremamente doloroso. Muito obrigada pelas lições todas que deixou.

Agradecer ao corpo docente de Museologia: Camila, Pablo, Manuelina, Vânia, Jean, Rildo, Iva, Vera. Muito obrigada! Queria agradecer especialmente à Tony e Gleyce que efetivaram memórias, lições e afetos. Ao Yussef, que pertence muito mais a nós (Museologia) que a eles (História) e que tornou-se patrimônio afetivo ao longo da graduação.

Agradecer muitíssimo à minha orientadora Luciana, que topou os desafios de lidar com as minhas ideias que nunca são as mesmas e que vêm de todos os lugares e que sempre apresentou postura humana, política e combativa frente a todas as situações em que isso se fez necessário.

À Fernanda Vitória, Milena Melo, Ingrid Lorena, Caroline Carvalho, Fernanda Morbeck, Gustavo Maia, Affonso Giesel, Laura Schaitl e Vanessa Silva por serem minhas confidentes, apoiadoras e conselheiras durante todo o processo de parto deste trabalho.

Por um mundo onde sejamos socialmente iguais, humanamente diferentes e totalmente livres.

Rosa Luxemburgo

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO: O primeiro ponto.....	09
CAPÍTULO I: Considerações Iniciais.....	13
1.1 - Olhares e incitações para uma Museologia de acesso popular.....	14
1.2 - Contextos de fala na sociedade do falo.....	16
1.3 - Patrimônio?	19
CAPÍTULO II: A violência sexual contra crianças e adolescentes.....	25
CAPÍTULO III: O terminal Vila Brasília.....	30
CAPÍTULO IV: Discursos e percursos da exposição.....	33
4.1 - Projeto Curatorial e Expográfico.....	36
CONCLUSÃO: Ponto final?	43
REFERÊNCIAS.....	46

RESUMO

As exposições podem construir e apresentar histórias que abrem perspectivas críticas sobre quais narrativas sobre o mundo e a sociedade estamos priorizando, apresentando e legitimando nos espaços museais, Nesse sentido, o presente trabalho propõe uma exposição reflexiva no Terminal Vila Brasília acerca da denúncia e prevenção de abuso sexual de meninas no Brasil enquanto estratégia comunicativa e que propicie debates com o público de usuários do transporte coletivo em questão.

Busca-se construir um discurso que apresente uma Museologia que acesse espaços outros além dos grandes museus aos quais a associamos e em uma linguagem educativa e plural, conversando com diversos públicos e cumprindo um papel educativo na transformação social e que apresente possibilidades do indivíduo se identificar como agente ativo de transformação das realidades que se insere.

Problematiza-se também a ambientação masculina e a subordinação sistêmica das mulheres, o patriarcado como sistema de controle de corpos e papéis sociais e como estas produções de sentido viabilizam e reforçam a culpabilização da vítima, dificultam a identificação das agressões e dificultam ainda mais as denúncias e o combate às violências.

RESUMEN

Las exposiciones pueden construir y presentar historias que se abren perspectivas críticas sobre la cual narrativas sobre el mundo y la sociedad estamos dando prioridad, presentar y legitimar los espacios museológicos ese sentido, este documento propone una pantalla reflectante en la Terminal Vila Brasilia sobre la denuncia y la prevención El abuso sexual de las niñas en Brasil como estrategia comunicativa y que permite la discusión con el público de los usuarios del transporte colectivo en cuestión.

Buscamos construir un discurso para presentar un Museología acceder a espacios más allá de los otros grandes museos a los que el asociado y un lenguaje educativo y plural, hablando con diferentes públicos y el cumplimiento de una función educativa en la transformación social y las posibilidades individuales presentes para identificar Como agente activo de transformación de las realidades que inserta.

También se analiza el ambiente masculino y la subordinación sistemática de las mujeres, el patriarcado como organismos sociales y las funciones del sistema de control y cómo perciben estas producciones activar y reforzar la culpa de la víctima, hacen que sea difícil identificar la agresión y obstaculizan aún más las quejas y la lucha contra la violencia.

Palabras-clave: Museología; Lucha contra la Violencia; Niñas; Infancia; Exposición.

INTRODUÇÃO: O primeiro ponto

O processo de construção deste trabalho pode ser comparado a uma **viagem** onde *destinos* e *pontos* acabam se firmando como plataformas de integração. A primeira vez que projetei este tema no horizonte foi em uma noite de extremo incômodo em relação a declarações sobre o projeto de lei que ficou popularmente conhecido como “bolsa estupro” e as propostas envolvendo o Estatuto do Nascituro. Acordei de madrugada e escrevi algo semelhante a um projeto de pesquisa e enviei à professora Luciana em um e-mail com o sugestivo assunto: surto acadêmico.

A ideia inicial já contemplava uma exposição museológica em terminais de ônibus coletivos, no entanto essa primeira estruturação abarcava o terminal “Vila Brasília”, o terminal da “Praça da Bíblia” e o terminal “Padre Pelágio”. Na ocasião, o tema central seria o Aborto e não a questão do abuso sexual de meninas.

Algumas **experiências** da graduação como a exposição “Mulheres no Sertão Goiano”, aulas e atividades sobre Museologia Social, o “Planetário Móvel” - iniciativa do Planetário Juan Bernadino Marques Barrio - me fizeram questionar o alcance das instituições museais, principalmente no que diz respeito à classe trabalhadora. Somadas a estas inquietações proporcionadas pelo próprio curso de Museologia o contato com as pessoas através das brigadas de venda do jornal “A verdade”¹ despertaram em mim o interesse de “**musealizar** o trajeto urbano”. Como interpretar, portanto, percursos existentes na cidade à luz de debates, inquietações e processos operatórios do campo museal?

Partindo do princípio que o transporte coletivo já é um local de **passagem** comum e com pouco ou nenhum gasto adicional, seja ele monetário ou temporal, e facilmente incluído no cotidiano, defende-se a hipótese de elevação da acessibilidade social da exposição através da “metodologia de aplicação”. O objetivo geral é, deste modo, fomentar através de uma construção expositiva, por meio de um discurso plural, acessível, a **conscientização** e o debate sobre o abuso sexual de crianças, com foco no sexo feminino, suas causas e desdobramentos, compreendendo o papel da Museologia como ferramenta para a educação não-formal.

Pretende-se promover reflexões sobre o tema abordado, ações educativas que levem medidas de educação sexual ao espaço de exposição, ocupar museologicamente o espaço

¹ O jornal “A verdade” é um instrumento de divulgação da linha política da Unidade Popular e também uma maneira de arrecadação de fundos. Mensalmente em todo o país são realizadas brigadas de venda deste no qual se pretende o diálogo com trabalhadoras e trabalhadores.

urbano - aqui **ambientado** no terminal “Vila Brasília, localizado na cidade de Aparecida de Goiânia - e possibilitar o acesso a uma exposição museológica a trabalhadores e trabalhadoras que por ali transitam.

Desta forma, o primeiro capítulo apresenta a questão da violência sexual perpetrada a meninas assumindo a perspectiva da Museologia aliada à “pedagogia engajada”, termo adotado pela pedagoga estadunidense negra bell hooks². Com articulação de ideias pretende-se que a exposição provoque o **reconhecimento** de determinadas realidades sociais e usa a educação não-formal para potencializar e diversificar os espaços de debate, tendo o terminal de ônibus como dispositivo para uma acessibilidade política com a adoção de mensagens claras, objetivas que possam ser compreendidas por uma gama diversa de público e possam potencializar ações de denúncia e identificação de violências a partir das informações apresentadas. A Museologia, neste caso, usa perspectivas plurais e interdisciplinares que contemplam territórios e identidades diversas na tentativa de **transformar** realidades sociais.

Posteriormente, há uma breve discussão sobre o patriarcado enquanto um **sistema** que vulnerabiliza mulheres, e atua de maneira agravante a partir de elementos como raça, classe e idade, conforme o enfoque desta pesquisa. Apresenta-se a contextualização da opressão das mulheres dentro do sistema capitalista e como há a construção imagética de arquétipos femininos que a deixam mais suscetível a este tipo de violência perante a sociedade influenciando nos processos de **culpabilização** da vítima - o que dificulta a denúncia e por consequência, a coleta de dados e a estruturação de medidas de prevenção e programas de acolhimento e apoio.

Neste sentido procura-se desenvolver narrativas que sejam reflexivas e críticas em relação ao patriarcado e à naturalização do abuso sexual. Pretende-se, portanto, que esta exposição seja desenvolvida em um espaço público a partir da compreensão de que os espaços tipicamente utilizados para comunicações expositivas - como os museus tradicionais ortodoxos - não contemplam necessariamente segmentos populares. Nessa perspectiva, o terminal de ônibus se revelaria como um lugar de contínuo trânsito de passageiros, que viriam a ser o público da exposição.. A **escolha** supõe uma abrangência e aderência maior em relação ao discurso expositivo apresentado, promovendo uma perspectiva museológica popular. Neste ponto, defende-se também uma de movimento contrário à elitização museológica que parece prevalecer em espaços tradicionais.

A abordagem dos atuais desafios enfrentados pela educação formal também é

² A referida autora defende que a escrita do seu nome seja sempre realizada iniciada em letras minúsculas por ter sido constantemente diminuída como mulher negra.

apresentado em relação a projetos políticos - como projetos de lei ou agendas de movimentos sociais conservadores - que buscam a criminalização de discursos voltados a autonomia de mulheres, o que conseqüentemente vem dificultando o combate à pedofilia, e vem limitando o acesso à educação sexual.

Sobre os dados e pesquisas oficiais e de ONGs a respeito da violência sexual, a mulher é apresentada neste capítulo como a principal vítima de abusos sexuais. A respeito de pesquisas sobre incesto, é apresentado que o maior número de abusadores é de pais biológicos, seguidos por padrastos, situações que **fragilizam** a confiança da criança e a deixa, muitas vezes confusa sobre qual atitude tomar por falta de instrução e conhecimento sobre a situação de violência. Assim, o capítulo discorre sobre a ambientação masculina **hierarquizada** frente a mulheres e frente a crianças coloca muitos indivíduos sob o risco de violência, esta agravada pela sexualização dos corpos femininos desde a infância.

O segundo capítulo, traz a reivindicação de espaços de escuta voltados a crianças e adolescentes vítimas de violência sexual. Nesse sentido, um dos objetivos da exposição é **incentivar** que tais espaços de escuta sejam criados nos próprios ambientes domésticos, para que pais e responsáveis, bem como professoras e professores, e outras pessoas de convívio próximo e contínuo com as crianças, sintam-se compelidos a **escutá-las** e observá-las melhor, estejam atentas a sinais de agressão e se proponham a conversar sobre educação sexual. A reflexão de que a sociedade busca isentar-se das responsabilidades sobre esses indivíduos - encarando suas falas como duvidosas e incapacitando-as de reconhecerem a violência - é igualmente debatida no texto.

O terceiro capítulo, por sua vez, apresenta e **contextualiza** o terminal “Vila Brasília”, a região geográfica e social, quantas e quais as linhas de ônibus que por ele passam, sua metragem quadrada e estimativa de passageiros. Dados menos subjetivos que pretendem ambientar o leitor(a) em relação ao espaço físico proposto. Tal panorama espacial **reforça** a escolha deste terminal específico pelo argumento de que tal localidade seria um espaço público passível de ser ocupado por ferramentas museais.

O quarto e último capítulo, por sua vez, apresenta o projeto expográfico em si: plantas baixas, conceitos, cores, posições e os próprios cartazes que serão usados como **suporte** de informação. Elementos que constroem a narrativa e os pensamentos articulados neste processo de educação sobre a violência sexual a meninas. O objetivo deste capítulo é apresentar as diversas etapas necessárias à concepção de uma exposição.

Para além destas questões, há ainda uma escolha **estética** por grifar determinadas palavras, esta escolha vem no sentido de chamar a atenção para elas, de **interromper** a

linearidade da leitura, é uma tentativa de visibilizar palavras específicas e ao mesmo tempo provocar descontinuidade no processo de leitura, da mesma maneira que a exposição servirá para **visibilizar** a problemática da exploração sexual e interromper a regularidade cotidiana da passagem pelo espaço urbano.

CAPÍTULO I:

Considerações Iniciais

CAPÍTULO I: Considerações Iniciais

1.1 Olhares e incitações para uma Museologia de acesso Popular

O presente capítulo busca **contextualizar** e **problematizar** a questão do assédio sexual sofrido por *crianças e adolescentes* do **sexo feminino**, categorias respectivamente definidas no Estatuto da Criança e do Adolescente³ como até os doze anos incompletos e dos doze aos dezoito anos incompletos - categoria que no presente trabalho será referida através do termo “meninas”. Tais indivíduos são socialmente considerados **vulneráveis** por entender-se que não têm ainda plena responsabilidade por seus atos.

Este trabalho assume a perspectiva de que a Museologia, a partir do prisma de uma **pedagogia** engajada - modelo que defende que qualquer pessoa está, a qualquer tempo, em processo de aprendizado e que o mesmo acontece através de um crescimento intelectual e espiritual, e não a partir da "transmissão" de informações (hooks, 2013) - oferece a possibilidade de transformar espaços **públicos**, de amplo acesso diário, e altamente **acessíveis** socialmente, em lugares **educativos** de compartilhamento de informação.

Este processo invocado suscitaria o **reconhecimento** de determinadas realidades e identidades sociais silenciadas e/ou invisibilizadas, criando espaço de reconhecimento de patrimônios que surgem de memórias de dor, patrimônios esses em disputa por diferentes grupos socialmente marginalizados e cujas memórias são, por vezes, excluídas dos discursos e narrativas patrimoniais majoritariamente difundidas em espaços museais tradicionais.

É importante destacar a necessidade do planejamento minucioso do conteúdo e da metodologia na exposição e processamento dos dados que serão objeto de comunicação museológica, considerando que a comunicação expositiva - enquanto educação não-formal - se coloca como alternativa ou como acréscimo ao processo formal de ensino, mas não garante transformação ou **revolução** de paradigmas:

[...] a educação não-formal, por ter mais flexibilidade em relação a tempos e conteúdos, por não ter mecanismos direcionadores fixos, por possibilitar a criação, por ser aberta ao trabalho com a diversidade, por atuar com o desejo de grupos específicos, por poder propiciar e favorecer ações transformadora é confundida com uma educação inerentemente transformadora. Mas isso não é inerente ao seu campo educacional, uma vez que ela pode, também por conta dessas características elencadas, favorecer e propiciar ações repressoras e de promoção e manutenção da lógica estabelecida. (GARCIA, 2005, p.03)

³ Documento criado em 1990 como um conjunto de normas do ordenamento jurídico brasileiro, as quais objetivam a proteção da crianças e adolescentes. É o marco legal que regulamenta os direitos humanos de crianças e adolescentes

No entanto, atingindo a sua potencialidade, este modelo de **pedagogia engajada** – que pretende abordar educação de uma forma que pautar conhecimento de maneira integrada à vida e a luta - aliado ao discurso expográfico museológico é capaz de possibilitar e ampliar uma “acessibilidade política”⁴ sobre determinados assuntos. Este é o contexto de **luta** por uma *Museologia de acesso Popular*. A pedagogização dos processos educativos em uma perspectiva de ensino-aprendizagem que ultrapasse não apenas as barreiras de instituições ortodoxas como escolas e museus tradicionais mas que atravesse barreiras historicamente construídas sobre o alcance do ensino e a potencialidade deste na superação e prevenção de problemas sociais.

A Museologia, quando usada em perspectivas **plurais**, que contemplem o território e a territorialidade (SILVA, 2015)⁵ em que se insere, quando procura ser espelhada e espelho das identidades que atravessam os espaços em que está aplicada, tem potência real de adentramento das ideias apresentadas no **imaginário** das pessoas que perpassam por espaços de apresentação dos seus discursos

⁴ O conceito de acessibilidade política engloba 1. Acessibilidade aos códigos culturais; 2. Acessibilidade aos meios de produção cultural; 3. Acessibilidade física; 4. Acessibilidade sensorial; 5. Acessibilidade cognitiva e informacional; e 6. Acessibilidade econômica e social. (Acessibilidade a Museus – Cadernos Museológicos, v. 2, p. VII. 2012).

⁵ Conceito aqui usado de acordo com o geógrafo Marcos Nicolau Santos da Silva que define territorialidade como construção que parte dos contextos jurídico, econômico, natural e subjetivo.

1.2 Contextos de fala na sociedade do falo

O **Patriarcado**, palavra de origem grega formada a partir da junção dos termos “patér”, que significa pai, com “arkrhé” traduzido como **poder**, refere-se a um sistema construído historicamente na centralização da figura do homem em diversas sociedades, com foco nas ocidentais e ocidentalizadas, subordinando-as a uma ordem masculina hegemônica

O patriarcado – entendido como o poder que o homem exerce por meio dos papéis sexuais – se constitui junto com as sociedades de classes, o que significa dizer que precede o modo de produção capitalista, e nele assume formas singulares de existência. (SOUZA, 2016, p.476)

Essa ambientação do homem como ser superior e detentor de poderes e **privilégios** encarados como naturais gera situações de vulnerabilidade das mulheres que são agravadas quando recortes de classe e raça, por exemplo, são levados em conta.

É importante acrescentar que na realidade brasileira há considerações acerca da luta de mulheres por direitos, pauta defendida por algumas das muitas correntes e formatos do que pode se compreender por **feminismo**⁶, que abordam o surgimento deste movimento em ambientes acadêmicos e sua constituição nos setores mais populares de maneira estruturada. ao contrário do que algumas autoras relatam ter ocorrido nos Estados Unidos e na Europa durante em movimentos feministas no século XX, em especial nos anos de 1960 (HEILBORN e SORJ, 1999). Com esta leitura agrava-se a importância de lutar por espaços **populares** de debate e combate à violência contra mulheres pesando o elitismo e pouco alcance do feminismo compartilhados em contextos acadêmicos e ainda distante das camadas sociais de pouca instrução formal.

Ao longo da história ocidental da sociedade, às mulheres foi delegado o trabalho reprodutivo e os ofícios relacionados ao cuidado de espaços privados e **domésticos**, sendo afastadas dos lugares de decisão da **vida coletiva**. Estes pontos partem da necessidade de controle do capital sobre as necessidades biológicas de produção da próxima geração de trabalhadoras e trabalhadores (VOGEL, 2013).

A necessidade de **controle** sobre os corpos femininos para que sejam férteis e estejam a serviço do Capital e da sociedade Patriarcal (VOGEL, 2013) naturaliza processos de violência psicológica e social na tentativa de manter uma espécie de absolutismo masculino sobre a força de **trabalho** de mulheres, e reforça narrativas sobre a feminilidade dócil,

⁶ Aqui defendido como movimento de luta pela libertação de todas as mulheres frente ao sistema opressor e sexista, sendo pautado a partir das leituras de um feminismo-marxista/classista. Algumas lutas defendidas por esta corrente são: igualdade de pagamento de salários, direitos reprodutivos, independência financeira etc.

infantilizada, passiva e sedutora, nas quais as mulheres aparecem sempre disponíveis aos interesses dos homens sem questionamentos. Tais narrativas acabam reiteradas por leis de criminalização do aborto e impedimento de acesso a planejamentos familiares, educação sexual e métodos contraceptivos. Esse quadro parece se agravar quando analisado pelo prisma da cultura da submissão sexual feminina - reproduzida explicitamente na pornografia⁷ e de maneiras mais sutis, mas não por isso menos degradantes e violentas, em novelas, seriados, propagandas, livros e semelhantes.

Dentro das próprias casas, espaços socialmente considerados “seguros”, porém formados neste processo de **controle** heteronormativo e masculinizado de controle dos corpos femininos - visando a subordinação e negação às mulheres de espaços de fala e poder - parece desdobrar-se em situações de violência sexual como fator de reafirmação da **dominação**.

Essa hierarquização dos papéis sociais coloca mulheres como subordinadas sistêmicas desde a infância (BEAUVOIR, 1960) Trata-se da construção de um “ecossistema cultural” no qual o abuso sexual de crianças, principalmente do sexo feminino, tem alta incidência e acontece majoritariamente dentro de casa e em ambientes considerados seguros. Neste sentido, ações como educação sexual, independência financeira das mães, bem como uma educação social geral acerca do tema são fundamentais para o **combate** desta prática e a garantia da seguridade infantil e de mulheres adultas, de desenvolvimento da saúde pública em termos físico e psicológicos e para a construção e consolidação da **cidadania** destes indivíduos sob risco de violência.

A consolidação de espaços que garantam às mulheres e às meninas segurança e formação é uma ferramenta potente de transformação social e de **libertação** de ambientes abusivos e violentos. No Brasil, o órgão legal responsável pela garantia dos direitos das *crianças e adolescentes*, regulamentados no Estatuto da Criança e do Adolescente - ECA, é o Conselho Tutelar. No entanto, percebe-se que a atuação deste parece não contemplar totalmente as problemáticas que envolvem a relação entre a dinâmica sistêmica do patriarcado e a violência praticada a indivíduos no período da infância e da adolescência. Neste sentido, organizações nacionais e internacionais produzem ações e programas voltados ao combate e **prevenção** deste tipo de violência. São ONG's, centros de apoio, abrigos e casas de referência que procuram criar diferentes ferramentas para o combate a violência e a

⁷ Incluindo-se aqui o entendimento que mesmo as novas formas de produção de pornografia autoproclamadas “feministas” ainda reiteram e fortalecem o contexto de submissão e violência das mulheres.

educação popular no sentido de construir uma possível mudança de paradigma frente às opressões e violências do patriarcado.

1.3 Patrimônio?

É percorrendo esses caminhos interpretativos que visa-se a construção de um discurso que pretende ser **crítico** e reflexivo sobre os efeitos do patriarcado e seus desdobramentos no abuso sexual de meninas. Que colabore em **questionar** os processos sistêmicos que reforçam a cultura de violência, causando incômodo a partir da reflexão. A compreensão da necessidade do uso da educação não formal no combate à violência contra mulheres e crianças vem em encontro com a proposta aqui apresentada de elaboração de uma exposição a ser montada no terminal de ônibus localizado na Vila Brasília em Aparecida de Goiânia.

A intenção em promover uma exposição ambientada em um **terminal** de ônibus parte da compreensão de que os espaços tipicamente utilizados como suporte expográfico - sendo eles museus ou não - costumam ser pouco acessíveis para setores da sociedade de baixo poder aquisitivo e baixa escolaridade. A crítica reside não apenas nos discursos majoritariamente academicistas utilizados nestes referidos espaços, mas no próprio funcionamento dos mesmos, **limitados** a horários comerciais e localizações centralizadas que exigem, principalmente nas grandes cidades, longo tempo de deslocamento e gastos com transporte e alimentação.

A ideia de propor a ambientação do discurso museológico em um local de **trânsito** contínuo de passageiros em situação de deslocamento de seus espaços de trabalho vem contrapor-se com a musealidade estática tradicional - nos edifícios pouco acessíveis à massa de trabalhadores, com pés direitos altos, climatização controlada e **silêncios** generalizados. Não negando estes locais como espaços de disputa de discursos, mas apresentando outra possibilidade de comunicação que possa integrar, dialogar e participar do dia a dia popular, de **trabalhadoras** e trabalhadores que geralmente carecem de oportunidades, recursos e até mesmo interesse para frequentar os espaços museais tradicionais ortodoxos (BRULON, 2008)⁸.

A história dos Museus parte de origens principescas de acesso controlado e restrito, primeiramente com coleções pessoais da nobreza apresentadas a grandes cortes. Serviam para apresentar as **conquistas** imperialistas e para formar gabinetes de curiosidades. Após a revolução burguesa ocorrida na França passaram a ter caráter mais próximos ao que conhecemos atualmente como museus, servindo para **legitimar** e transmitir heranças e

⁸ Museus que apresentam uma relação restrita a edifício, coleção, público em contraponto ao que seria o “Novo Museu” e que traz relação entre território, patrimônio e população.

patrimônios que mostrassem a soberania nacional e uma unidade de discursos sobre o presente e o passado de determinados territórios (JULIÃO, 2006).

Estes ambientes museais tradicionais têm sido ao longo dos anos propagados como espaços austeros e elitizados com acesso restrito e linguagens inacessíveis construídas midiática e socialmente como produtores e reprodutores de **certezas**. Alicerçando-se em uma certa estaticidade, os museus tradicionais ortodoxos acabam por prender-se em si mesmos, promovendo e permitindo em muitos casos poucos debates reais.

É importante, no entanto ressaltar que o distanciamento que tais museus de tipologia tradicional ortodoxo costumam estabelecer com as realidades e identidades ao seu redor não são regra, mesmo que sejam maioria. As **contribuições** práticas e teóricas da Nova Museologia, o investimento em pesquisa e ações educativas têm quebrado alguns paradigmas e transformado alguns desses espaços em ambientes de reflexão e crítica. O Museólogo brasileiro Mário Chagas apresenta em seu texto “Memória e Poder: dois movimentos” que:

[...] dentro dos próprios museus desenvolvem-se canais de circulação de poder que permitem a produção de programas, projetos e atividades que traem a missão original da instituição. Para o bem e para o mal os museus não são blocos homogêneos e inteiramente coerentes. Ali mesmo em suas veias circulam corpos e anticorpos, memória e contra memória, seres vivos e mortos. (CHAGAS, 2011, p.18)

Tal reflexão é um exemplo da **potência** das propostas que buscam eclodir a tradicionalidade passadista e que lutam pela transformação do museu em espaço de memória viva e resistência. Como trabalhadora da cultura, engajada na luta sobre a potência comunicacional dos espaços museais, considero importante o apontamento de soluções e encaminhamentos práticos - através de ferramentas museológicas - para a mudança de paradigma relativa às situações de violência que as mulheres estão submetidas. Acredita-se que desenvolver ações **culturais** em espaços não usuais é um passo para a garantia e o avanço relativos às políticas públicas culturais em temáticas relacionadas a questões sociais.

No entanto, para além do ideal, a realidade concreta de uma produção cultural invoca a necessidade dos capitais financeiro e humano: a criação de uma **estrutura**, a montagem de um esquema de acompanhamento dos processos expográficos, físicos e educativos, os próprios gastos de um acervo - seja relativos a sua seleção e coleta ou a sua salvaguarda - nos distanciam ainda mais deste panorama plural e **democrático** de uso dos equipamentos culturais para produção dos discursos de maneira ampliada e polifônica, voltados à mobilização de comunidades diversas.

Mesmo tendo em conta tais considerações desafiadoras, é preciso disputar esses equipamentos culturais - como os museus - historicamente construídos como sacralizadores e certificadores de discursos para, ao contrário, promover debates, o que revela-se um **desafio** necessário e urgente para socializar e transformar conhecimentos e construir assim uma Museologia adequada ao século XXI e aberta para as múltiplas vozes que compõe o tecido social.

Tal proposta de **ruptura**, que conversa com muita afinidade com a Museologia Social, Ecomuseologia e Museologia Comunitária, é o ponto de inspiração para o projeto desta exposição em uma tentativa de democratização ampliada dos discursos museológicos e suas potencialidades.

Atualmente, a maior parte dos museus se propõe a ser um instrumento democrático, tanto em acesso quanto em representações. Contudo, os museus convencionais brasileiros ainda se mantêm enquanto palcos para o esquecimento e de reafirmação de referências hierarquizantes de pessoas, grupos e culturas. As novas propostas teóricas como Ecomuseologia, Museologia Social e Museologia Comunitária, trazem novas perspectivas do fazer museal a partir da segunda metade do século XX. O objeto de estudo da Museologia deixa de ser fundamentalmente o prédio, suas coleções e o público e passa a ser mais abrangente, atendendo à demandas sociais, ao patrimônio e território. (CHEREM, 2016, p.15)

Por este prisma, falar de sexualidade, que é em si um desafio se torna ainda mais complexo quando tem-se como fomentador do debate ações museológicas em um espaço nada convencional (um terminal de ônibus), o qual é visto como passageiro e que tem como público uma gama diversa de pessoas que transitam rapidamente por este referido ambiente. Expor a partir de uma metodologia museal temas relacionados a manifestações privadas dos comportamentos pode provocar reações de choque com valores morais, ou mesmo **problematizar** tradições - sendo este termo aqui utilizado a partir da ideia de “tradição inventada” de Hobsbawn:

[...] um conjunto de práticas normalmente reguladas por regras tácita ou abertamente aceitas; tais práticas de natureza ritual ou simbólica, visam inculcar certos valores e normas de comportamento através da repetição, o que implica, automaticamente; uma continuidade em relação ao passado. Aliás sempre que possível, tenta-se estabelecer continuidade com um passado histórico apropriado. (HOBSBAWN, 1997, p.09)

Em tempos de criminalização da **liberdade** de cátedra com projetos políticos como o “escola sem partido”⁹, cujo artigo 2º sugere que “a[...] o Poder Público não se imiscuirá no

⁹ Projeto político conservador, voltado ao controle moral de comportamentos sociais, foi criado em 2004 no Brasil e pretendia desde seu princípio proibir professores, entre outras coisas, de emitirem opiniões políticas em

processo de amadurecimento sexual dos alunos nem permitirá qualquer forma de dogmatismo ou proselitismo na abordagem das questões de gênero” e que acompanha este tipo de afirmação com práticas de comparação de processos educativos com sexualização de corpos e trata questões, sexuais por exemplo, por meio de viés moralista e não como a questão de saúde pública que o é. Sob tais orientações, o processo de educação sexual pode acabar sendo enfraquecido no âmbito escolar. Importa destacar que a educação sexual no ensino formal tem sido um dos vetores para denúncias de violência sexual por parte das crianças, o que reforça a necessidade de falar sobre educação libertadora principalmente no que tange os princípios da sexualidade e de seu **conhecimento** para a segurança infantil.

Deste modo, os espaços **acessados** pela dita educação não formal - termo que engloba aqui os diversos processos educativos que são desenvolvidos fora das salas de aula das instituições convencionais de ensino - podem ser catalisadores de debates que as escolas estão cerceadas a promover e assim, estando sob uma vigilância moral mais moderada, podem cumprir o papel de possibilitar a discussão deste tipo de tema.

A possibilidade de utilizar este espaço que possui naturalmente **fluxo** de pessoas pertencentes a diversos segmentos sociais é ampliar o alcance da Museologia, não como atividade pontual, o que em si já é de extrema importância, mas como ferramenta para ocupação de espaços públicos urbanos. Quando essa ação ocorre em uma cidade pequena, em um ambiente de **mobilidade** urbana que dá acesso a regiões de motéis e prostíbulos com bolsões de pobreza nas proximidades, a necessidade de trabalhar temas de combate a vulnerabilidade das crianças do sexo feminino se intensifica assim como o desafio de construir um discurso acessível pela complexidade intrínseca ao tema. Esse quadro se agrava por estarmos em um contexto regional que, segundo dados do IBGE de 2014¹⁰, possui cerca de 341 mil pessoas analfabetas com 15 anos ou mais, que compreendemos como localizadas nas classes mais pobres da sociedade. A presente proposta expográfica se volta, portanto, para a potencialidade da comunicação museal no combate à exploração sexual de meninas. O projeto expográfico aqui apresentado ousa **ocupar** espaços e formatos não convencionais fundamentando-se em estudos e desenvolvimentos da Museologia para a proposição de ações que visem contrapor os discursos de **negação** do abuso sexual de crianças bem como busca o fim da abstenção de posicionamentos acerca deste.

sala de aula. Tal movimento político foi divulgado em todo o país pelo advogado Miguel Nagib. Os encabeçadores do movimento afirmam representar pais e estudantes contrários ao que chamam de "doutrinação ideológica" nas escolas.

¹⁰ Dados da Pesquisa Nacional por Domicílio de 2014, produzida e divulgada pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística - IBGE

O objetivo do projeto é traçar um discurso expográfico simples, mas munido de informações e afetos, que gere **empatia** e transformação social. Usar um espaço popular transitado por olhares cansados, pés doloridos e carnes ameaçadas para torná-lo um ambiente de produção de debates, um espaço que proporcione ferramentas para a ação concreta que proteja não apenas a infância, mas igualmente a vida adulta. Nessa perspectiva, o projeto acaba propondo uma crítica transversal a possíveis ciclos de opressão que se reproduzem em museus tradicionais ortodoxos.

CAPÍTULO II:

A violência sexual contra crianças e adolescentes

CAPÍTULO II: A violência sexual contra crianças e adolescentes

Reivindicar espaços de **escuta** voltados a crianças e adolescentes vítimas de violência é uma tarefa árdua. Os códigos e legislações em geral parecem tratar esses indivíduos como incapazes de compreensão das mazelas cotidianas, cercando-os de cuidado moral que lhes atribuem uma certa “imbecilidade dócil”. Contudo, é importante destacar que esta maneira de encará-las não é generalizada e é raramente aplicada às crianças negras, pobres e periféricas às quais socialmente são atribuídas total consciência e responsabilidade por seus atos desde a infância. No que diz respeito aos casos dos abusos sexuais, a responsabilidade que recai sobre as crianças e adolescentes do sexo feminino também é intensa, com a sexualização efetiva dos seus corpos desde a infância e a **responsabilização** sobre o ocorrido, uma culpabilização associada à negação do reconhecimento de responsabilidade por parte do agressor.

Em ambientes museológicos já houve polêmicas situações como a ocorrida durante performance no Museu de Arte Moderna de São Paulo em 2017, em que uma criança, acompanhada pela mãe interagiu com um artista nu. Na ocasião diversos setores - principalmente ligados a agentes políticos conservadores de direita - associaram a atividade performática, pública e não erótica, com a prática de pedofilia e o assunto foi amplamente debatido e problematizado em redes sociais - como twitter e facebook. Com argumentos semelhantes aos usados na tentativa de **criminalizar** esta expressão artística, alguns movimentos políticos conservadores têm associado a educação sexual à sexualização infantil e dificultado ainda mais a conversa e a prevenção de violências sexuais, gravidez na infância e contração de doenças sexualmente transmissíveis (DST's).

Sendo assim, neste contexto político é arriscado e ousado propor uma atividade que verse sobre estupro, incesto e exploração sexual em um espaço público como um terminal rodoviário **urbano**. Compreendendo a sensibilidade do tema, acredita-se, no entanto que o silenciamento e o não acesso a informação em nada colaboram para o combate às violências. É importante a coleta e análise de dados, bem como sua divulgação, contemplando os reais **impactos** de se falar sobre sexualidade com crianças e adolescentes para que o combate às agressões seja realizado de maneira educativa e preventiva.

No livro “Patriarcado, Gênero, Violência”, Heleieth Saffioti (2004) apresenta que as maiores preocupações brasileiras sempre dizem respeito ao desemprego e à violência e que, esta preocupação, antes localizada em grandes centros urbanos, foi generalizada para capitais. Aqui, ousa-se dizer - mais de dez anos após a pesquisa -, parece ter permeado inclusive as

idades interioranas. A autora acrescenta que para estudiosos de violência urbana não há correlação positiva entre essas problemáticas do **desemprego** e da violência no contexto urbano, mas apresenta que “[...] para os estudiosos da violência de gênero, da violência doméstica e da violência contra as mulheres, da violência doméstica e da violência intrafamiliar, esta associação é clara” (SAFFIOTI, 2004, p. 17). A autora apresenta que quando há aumento do desemprego e precarização do trabalho há também aumento da violência intrafamiliar, com destaque pra violência de gênero, relações associadas aos papéis sociais – de mãe, esposa, filha – nos quais as mulheres de diversas idades se vêem encaixadas e a narrativa construída em torno destas funções atribuídas.

Tais reflexões apresentadas possibilitam questionar a **visibilidade** da mulher enquanto ser social inserido numa estrutura a partir da qual lhes são incutidos muitos deveres e poucos direitos. Quando aplicamos isso a mulheres menores de 18 anos, vulneráveis financeiramente e que são expostas a “investidas” sexuais por parte de homens de seu convívio contínuo - indivíduos com os quais estabelecem relações de confiança - percebemos um cenário catastrófico de ruptura da integridade física, psíquica e sexual. Portanto, um cenário de violência (SAFFIOTI, 2004). Alinhado com estes recortes é importante observar que mulheres negras e indígenas encontram-se ainda mais expostas à essas práticas e representam maioria numérica entre as vítimas.

O modo como lida-se com essas vítimas constitui-se também em fator decisivo para o aumento de denúncias e a possibilidade de programas de prevenção. A autora Caroline Criado Perez (2019), em seu livro “Invisible Woman”- aqui traduzido livremente como Mulher Invisível - compartilha o dado que um livro psiquiátrico estadunidense, amplamente utilizado nos anos 1970, recomendava lobotomia¹¹ para o tratamento de vítimas de abuso sexual. Esse mesmo trabalho de Perez ainda aponta que atualmente as mulheres são duas vezes e meia mais propensas a estarem sob o uso de antidepressivos em comparação aos homens, e mais propensas a reportar depressão. A autora conclui o raciocínio questionando se não seria a indicação de antidepressivos para mulheres a ”nova lobotomia” indicada para o tratamento do trauma (PEREZ, 2019).

Há relato de pesquisa sobre incesto, finalizada em 1992, na qual as vítimas do sexo feminino compõe 90% do universo total da pesquisa e os pais biológico compunham 71,5% do universo de agressores, seguidos pelos padrastos que compunham 11,1% (SAFFIOTI, 2004). A autora, posteriormente, chegou a levantar a hipótese de os dados terem sido

¹¹ Procedimento médico de intervenção cirúrgica no cérebro.

superados devido às alterações das configurações familiares e com as facilidades jurídicas da dissolução de **matrimônios**. No entanto, levantamento posterior por ela realizado com base em casas abrigo confirmaram a continuidade dos pais biológicos como principais agressores. Há também dados mais recentes da Organização Mundial da Saúde¹², que foram recolhidos de 2011 à 2017 que apresentam mais sobre a realidade contemporânea do abuso de crianças e adolescentes e apresenta números que continuam alarmantes principalmente dentro de determinados recortes como raça e classe.

O espaço do **lar**, que deveria proporcionar conforto e segurança, torna-se cenário de traumas e abusos. Tendo esta análise como início da linha de raciocínio, a delegação do papel de educação sexual sendo **limitada** exclusivamente ao ambiente doméstico, ou sendo proporcionada nas escolas sob um escopo moralista e punitivista, parece inefetivo é incoerente, pois em muitos casos delegaria ao abusador o papel de ensinar sobre a violência. Neste sentido, torna-se essencial refletir a quem interessa a criminalização da educação sexual ampla e científica senão aos próprios violentadores.

Partindo da Constituição Federal, temos em seu artigo 227:

Art. 227. [...] É dever da família, da sociedade em geral e do Estado assegurar, com absoluta prioridade, o direito à vida, à saúde, à alimentação, ao lazer, à profissionalização, à cultura, à dignidade, ao respeito, à liberdade e à convivência familiar e comunitária, além de colocá-los a salvo de toda forma de negligência, discriminação, exploração, violência, crueldade e opressão. (Redação dada pela Emenda Constitucional nº65 de 2010)

Ou seja, é incumbida a sociedade como um todo o papel de zelar pela dignidade humana e o respeito social. Contudo, tais **padrões** ideais de convívio aparecem atravessados e desvirtuados em situações de assédio. O assédio sexual promovido por parte de homens é muitas vezes naturalizado como parte formadora do indivíduo - homem como ser social. A **desconstrução** dessa cultura passa por críticas a paradigmas sobre a sexualidade de homens e mulheres e por debates que versam sobre valores e costumes criados para a garantia do patriarcado. Sendo assim, a **abordagem** pública e popular do tema se constituem como grandes desafios para a comunidade e para a educação. Faz-se necessário uma responsabilização do Estado frente a estas questões e a elaboração de políticas públicas efetivas para a mudança deste cenário catastrófico e cruel.

A **sexualização** dos corpos femininos revela-se de formas sutis ou escancaradas diariamente através de propagandas, filmes, novelas, histórias em quadrinhos e diversos

¹² A pesquisa é intitulada: "Análise epidemiológica da violência sexual contra crianças e adolescentes no Brasil, 2011 a 2017"

meios midiáticos aos quais temos exposições diárias. Situações televisivas de envolvimento de homens com personagens femininas muito mais novas, além da indústria pornográfica com categorias específicas voltadas ao incesto, à pedofilia e ao estupro contribuem para a violência sexual e **isentam** o ser masculino adulto da responsabilidade sobre seus delitos. A visão dos corpos femininos como propriedade privada pertencente e obediente à “categoria” homem torna a sexualidade mais um trabalho doméstico não remunerado, precarizado e invisibilizado.

Apresentar dados, reivindicar políticas de acolhimento de vítimas, criar mecanismos de denúncia, sugerir meios de **identificação** por parte dos adultos responsáveis, falar sobre espaços de escuta e **denúncia** para vítimas que possam se manifestar sobre as experiências de violência de forma anônima ou não, e explicar sobre a necessidade da não culpabilização das vítimas são alguns dos objetivos da proposta de exposição que parte do reconhecimento sobre a necessidade de debater o tema de forma pedagógica, sem abrir mão de uma perspectiva feminista e libertária.

CAPÍTULO III:

O terminal Vila Brasília

CAPÍTULO III: O terminal Vila Brasília

Localizado na Avenida São Paulo, número 1374, no município de Aparecida de Goiânia, em Goiás, o Terminal Vila Brasília possui 1.045,6 m² de área construída e 9 baías de embarque. O último na lista alfabética disponibilizada no blog da Rede Municipal de Transporte Coletivo. Milhares de pessoas passam diariamente por este terminal - mesmo sendo este um dos menores da cidade - a caminho de suas casas, trabalhos, escolas, faculdades, atividades culturais e entre outras ao longo das nove diferentes linhas de saídas e de destino a regiões diversas de Aparecida de Goiânia e Goiânia.

A região onde está localizado o Terminal é residencial e possui características quase interioranas, com poucos congestionamentos no tráfego urbano, crianças jogando “golzinho” nas ruas e idosos e idosas em suas cadeiras na porta de casa ao fim da tarde. Mesmo com a **aparência** tranquila, o bairro tem casos diversos de violência e as “batidas” policiais são frequentes. É um espaço frequentado por trabalhadoras e trabalhadores que utilizam o transporte coletivo urbano, principalmente a caminho de Goiânia. É o terminal de ônibus mais próximo da zona de mótéis da BR-153 e podem ser **observadas** na região um número maior que o convencional de salões de beleza e centros de estética. É possível também encontrar em postes e pontos de ônibus anúncios de contratação de massagistas, camareiras, recepcionistas e acompanhantes que muitas vezes são usados como estratégias para mascarar o recrutamento para o trabalho na prostituição.

O espaço do terminal foi reformado em 2012 com aumento da iluminação e modernização das instalações. Por não ser terminal no qual circula o chamado “eixo”¹³ não há **presença** constante da Polícia Militar, mas há seguranças patrimoniais e membros da Guarda Civil Municipal frequentemente no local.

Em uma **estimativa** numérica simples, os ônibus da linha 651 (Circular Sul - Via Veiga Jardim) e da linha 650 (Circular Sul - Via Br- 153), os mais frequentes deste terminal, passam aproximadamente 45 vezes (cada um) pelo Vila Brasília em um dia útil. Sabendo que os ônibus coletivos que circulam em Goiânia e Aparecida de Goiânia possuem capacidade de abrigar 46 pessoas sentadas, vamos supor que em cada uma das 45 viagens de um determinado dia haveria cerca de 50 pessoas por viagem e que metade delas passariam pelo terminal (45 x 25 x 2).

¹³ Eixo é como chama-se o ônibus que perpassa diversos terminais e possui uma via exclusiva de mobilidade. O referido eixo é de ônibus articulados e têm uma taxa reduzida em relação aos demais veículos do transporte público.

A partir deste exercício de **suposição** o número de usuários apenas das linha 651 e 650 que passariam pelo terminal em um dia seria de 2.250 pessoas entre às 04:45h e às 00:00h¹⁴. As demais linhas (007, 107, 211, 504, 011, 210 e 312) passam entre 15 e 25 vezes, ou seja, 20 vezes em média. Contemplando as informações anteriores temos (20 x 25 x 7) a informação de que cerca de 5.750 pessoas passem pelo terminal diariamente, lembrando que aqui considera-se que apenas metade dos usuários desembarquem ou embarquem no terminal.

É importante ressaltar que os números adotados **desconsideram** um dos maiores problemas enfrentados diariamente pelos usuários do transporte público urbano que é a **superlotação**. Os dados aqui levantados são apenas estimativas dos passageiros diários por entender-se que ao longo da semana as passageiras e os passageiros virtualmente se repetem e que os números de apenas um dia ilustrariam melhor o cenário de maneira próxima à real, apesar de gerarem menor impacto ao leitor ou leitora deste trabalho.

Considerando que, segundo os dados disponibilizados pela Rede Municipal de Transporte Público, o tempo de frequência entre um ônibus e outro varia, quando em funcionamento regular das linhas, de 05 a 70 minutos, as pessoas que passam pelo terminal diariamente e que fazem cerca de duas viagens por dia ficariam ao menos 50 minutos no terminal por semana. Defende-se então que a construção de uma exposição que possa ser compreendida sem **linearidade** obrigatória possibilitaria ao público potencial acesso às informações disponibilizadas sem alteração no tempo que já disponibilizam diariamente para sua locomoção pela cidade.

Partindo da construção de territorialidade através dos contextos jurídico, econômico, natural e subjetivo (SILVA, 2015) a **escolha** do espaço delimitado se dá a partir do olhar sobre esses diversos aspectos: o trânsito por um espaço geográfico que se relaciona às construções de **subjetividades**. Por se enxergar a mobilidade urbana como direito humano e dever do Estado, por abraçar a tentativa de contemplar as camadas economicamente mais baixas, pela amplitude e visibilidade do local e pela proximidade geográfica com a autora, o local da exposição aparece como um grato desafio museológico de **comunicar** assuntos através de ferramentas museais que buscam ultrapassar as paredes dos edifícios tradicionais ortodoxos. Escolher é excluir e este sentido se exponencia nos processos museológicos. Quando se opta por determinadas **narrativas** e espaços, necessariamente outras construções de sentido são silenciadas. Da mesma forma, com todo o arcabouço de inclusão utilizado para defender o terminal de ônibus como espaço expositivo, outros tantos seriam negligenciados

¹⁴ Dados retirados do site oficial da Rede Municipal de Transporte Coletivo (<https://www.rmtcgoiania.com.br>)

apenas na região metropolitana de Goiânia. Ou seja, reconhece-se aqui a **limitação** da exposição proposta, uma vez que não alcançaria os demais espaços de transporte urbano existentes na referida região.

CAPÍTULO IV:

Discursos e Percursos

CAPÍTULO IV: Discursos e percursos

Compreendendo a **memória** como uma das preocupações culturais e políticas centrais das sociedades ocidentais (HUYSSSEN, 2000) e adotando o uso cultural de equipamentos públicos como materializadores de lutas contra apagamentos destas, esta exposição se propõe a informar, sensibilizar, denunciar, **provocar**, impactar, emocionar e espelhar realidades, contextos, trajetórias e dores além de construir confluências entre público e tema expositivo. Quando se tem como público uma gama diversa de pessoas que passam pelo referido cenário escolhido para a exposição, ou seja, o espaço expositivo, pensa-se em diversos **trajetos** expográficos possíveis, que suscitam diferentes leituras e interpretações narrativas. Tendo como objeto curatorial as violências silenciadas, e como público o coletivo de passageiros que circulam naquele espaço comum, tudo parece se tornar frágil, delicado e pontiagudo.

A adoção de cartazes como suporte busca recorrer à **simplicidade** discursiva como estratégia estética sinérgica à própria passagem pelo terminal: uma leitura passageira pelas informações propostas conceitualmente de maneira simples e rápida. As ferramentas discursivas (textuais) remetem a uma ordem cotidiana e simples, em esquemas de cartazes que comumente são utilizados como suportes para passar mensagem e divulgar pesquisas. Tal suporte, para muitos, pode sequer ser considerado **acervo**, por remeter a algo banal e presente em vários ambientes que circulamos em nosso dia-a-dia. Justamente por estar entremeado nas nossas realidades e vivências, e muitas vezes passar despercebido, sem muita atenção além de uma olhadela de relance, é que os cartazes podem surtir efeito na sua tarefa comunicativa.

Como **estratégia** estética, optou-se por usar cores primárias, que chamam atenção e são muitas vezes associadas à infância (HELLER, 2007). Vermelho com o sentido de **dinamismo** mas também de alerta, perigo, violência. Azul para representação de uma tranquilidade interrompida, mas que igualmente traz uma sensação de frieza. Amarelo por apresentar conforto, mas também incômodo, doença. As **texturas** adotadas são presentes em espaços domésticos e têm o objetivo de passar a mensagem de que a violência pode acontecer em ambientes que pareçam **seguros** e conhecidos.

A proposta expositiva aqui apresentada apesar de suporte **comum** e diversas similaridades, difere-se de uma campanha publicitária por ser elaborada segundo o ponto de vista de teoria e Metodologia da Museologia (SCHEINER, 2006) que consistem em: Concepção, Planejamento, Programação, Produção da Exposição e a Exposição. Para além disso a proposta educativa, dividida em **ações** diversas, a contextualização da exposição

presente no texto de abertura bem como a construção de toda a curadoria, que é evidenciada no projeto apresentado mais a frente.

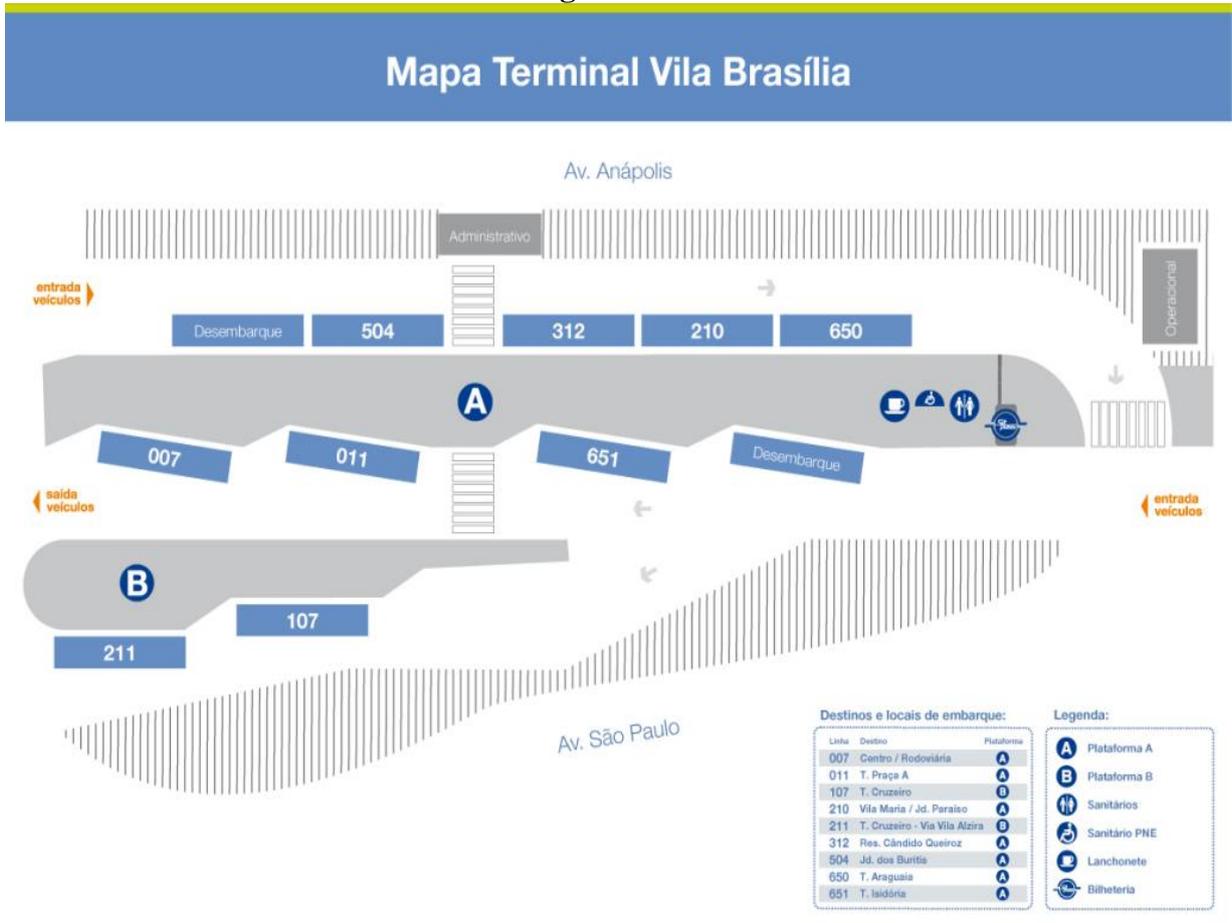
A Concepção da exposição, que segundo a autora seria composta de: conceito da exposição, síntese lógica e processo criativo, se deram da **decisão** do *tema* até a escolha do *local* e como o processo expositivo tomaria forma. Tal processo, descrito e debatido ao longo de todo este trabalho, seria acompanhado por um planejamento, o qual se daria pela seguinte composição: *características do local*, no caso o terminal Vila Brasília; *desdobramento em núcleos expositivos*, que no caso proposta não se aplica, uma vez que a proposição da exposição visa **organicidade** em relação ao tráfego de passageiros/visitantes; o *desenvolvimento do conceito*, que seria de uma veiculação simples e direta de informação; e os dois últimos pontos – *relação geral entre tema e acervo* e *pesquisa* que seriam mais aplicáveis à exposições de viés mais ortodoxo, o que igualmente não se aplica já que no presente caso proposto o acervo seria constituído **posteriormente** a partir da própria exposição.

A programação, dada pela produção de conteúdos informativos, também está intrínseca à exposição. E a produção da exposição, dividida em: *adaptação dos espaços*, *preparação do acervo* e *confeção dos elementos exploratórios* destriça-se na disposição dos suportes expositivos no espaço delimitado, planejamento de afixação e desafixação, já que estamos nos referindo a uma exposição de curta-duração e possivelmente itinerante ¹⁵

Não pretende-se aqui o **compartilhamento** de científicas ou de índices numéricos de largas pesquisas. Apenas informações simples que colaborem com a identificação de sinais que podem ser emitidos pelas crianças vítimas de violência sexual, além de chamar a atenção para o tema da violência sexual a meninas e **divulgar** o número de telefone que permite a denúncia. A disposição dos cartazes que serão utilizados como suporte da informação não têm linearidade, ou seja, não estarão dispostos em uma **trajetória** expográfica específica e limitada. O objetivo é que os mesmos possam ser compreendidos individualmente e estejam no trajeto comum de usuárias e usuários do transporte **coletivo**. Serão divididos entre três cartazes na plataforma A e três na plataforma B mais a ficha técnica e o texto de abertura no espaço das catracas. Não compõe-se como objetivo da exposição mas contempla-se aqui a possibilidade de intervenção nos cartazes.

¹⁵ Exposições de curta duração são exposições com data de abertura e encerramento, que normalmente duram menos de um ano; já exposições itinerantes constituem-se em exposições que não têm um lugar fixo mas que circulam por espaços diversos e assim possibilitam o acesso mais ampliado.

Figura 1:



planta baixa Terminal Vila Brasília

Figura 2:



planta baixa legendada

Nas **plataformas** de embarque, sinalizadas em vermelho na imagem acima, serão localizados os cartazes no poste de sinalização da linha, em formato A3. Desta maneira, estes suportes de informação, nos quais as filas se localizam, serão informativos também das medidas de **combate** à exploração sexual das crianças, especialmente as do sexo feminino, em um espaço no qual já ocorre uma espera. Seguindo esta lógica, não haverá um fluxo de público determinado pois toda a **concepção** da exposição foi elaborada para que cada cartaz seja ao mesmo tempo complementar e independente e o público possa compreender as informações dispostas sem alteração espacial no seu trajeto corriqueiro.

Haverá, antes da hipotética abertura da exposição, curso de **formação** com as funcionárias e funcionários do terminal, com proposta educativa acerca do tema. A ideia é que a exposição contemple momentos de rodas de conversa com passageiros e comunicação sobre a ação que ali se desenvolverá ao longo do período expositivo. Há proposta também de desenvolvimento de ações educativas com o Centro de Atendimento ao Surdo - para roda de conversa com meninas que possuam deficiência auditiva - sobre prevenção e denúncia. Em caso de execução deste projeto, outras **propostas** serão pensadas junto ao poder público municipal, compreendendo uma equipe de Ação Educativa para formulação conjunta de propostas de atividades.

4.1 Projeto Curatorial e Expográfico:

Proposta curatorial:

Muitas vezes, na correria do cotidiano, é difícil ver além do óbvio e escutar o que as pessoas têm a dizer, principalmente as crianças. Esta escuta torna-se árdua tarefa quando estamos imersos nas rotinas de trabalho, estudos e demandas da vida privada e pública. A presente proposta de exposição pretende interromper a paisagem rotineira de quem passa pelo terminal rodoviário Vila Brasília - Aparecida de Goiânia, GO - e chamar a atenção para problemáticas, sinais e formas de denúncia acerca da exploração sexual infantil, com destaque para a violência sexual de meninas, que se constiuem como a maior parte de vítimas dessas práticas.

Objetivo Geral:

Divulgar, alertar e divulgar as ferramentas de denúncia proporcionadas pelo Estado sobre as questões acerca da exploração sexual de meninas.

Objetivos Específicos:

- a) Alertar sobre características e sintomas do abuso sexual;
- b) Proporcionar ações educativas que conscientizem e capacitem para a prevenção da exploração sexual;
- c) Ocupar museologicamente o espaço do Terminal Vila Brasília;
- d) Potencializar os discursos museológicos em espaços não convencionais.

Captação de Recursos:

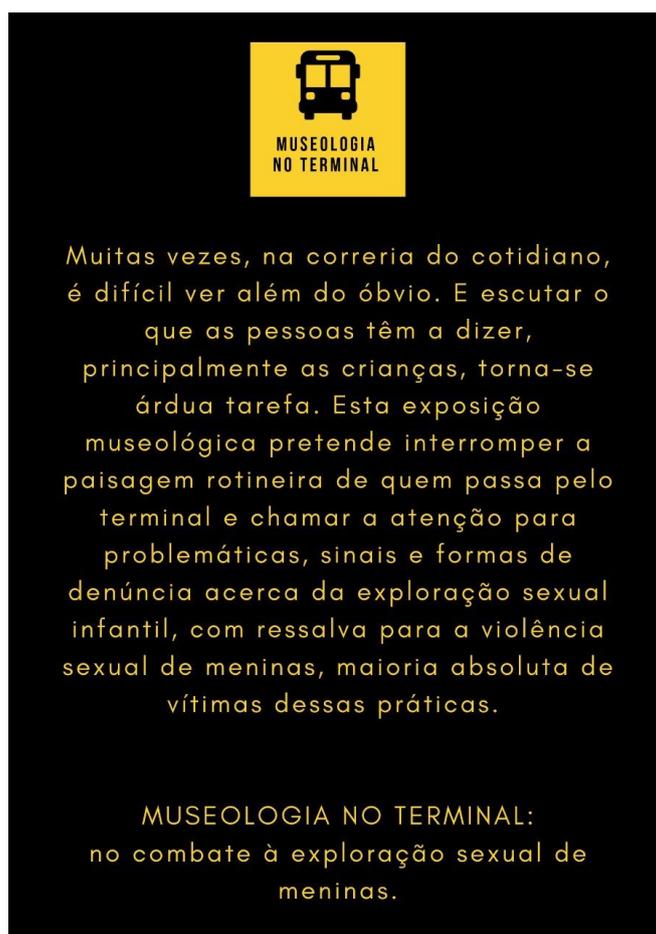
- a) Participação de editais municipais, estaduais e federais;
- b) Candidatura para projetos de pesquisa e extensão da Universidade Federal de Goiás;
- c) Parceria com Prefeitura, Governo do Estado, Ministério Público ou demais órgãos que possam se interessar na realização desta atividade;
- d) Busca de parcerias e patrocínios com instituições públicas e/ou privadas.

Produção

- a) Equipe educativa - 6 pessoas
- b) Equipe de comunicação/divulgação - 2 pessoas
- c) Equipe de montagem/manutenção - 2 pessoas

- d) Tempo de montagem - 1 semana
- e) Duração da exposição - 3 meses
- f) Público alvo - passageiras(os) do Terminal Vila Brasília
- g) Manutenção - A proposta é que os cartazes sejam substituídos em caso de danos que comprometam seu caráter educativo antes do fim do período delimitado para a exposição.

Elementos expográficos -



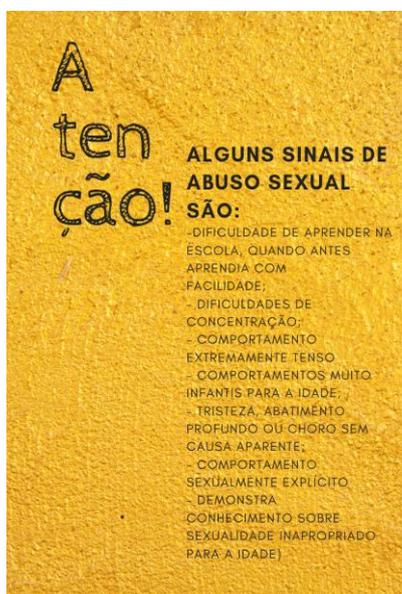
Papel fotográfico, 420 x 594 mm



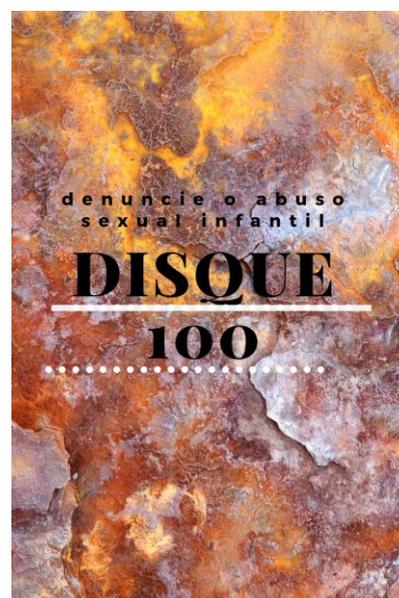
Papel fotográfico, 297 x 420mm



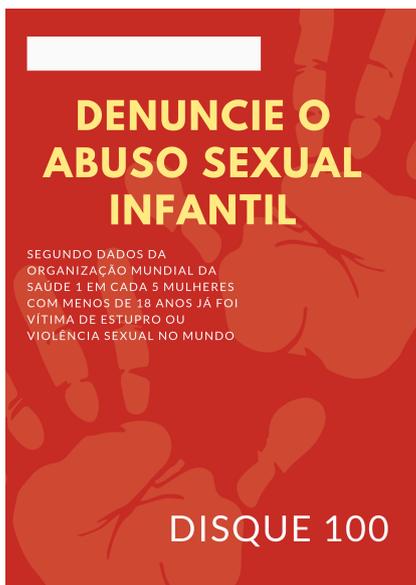
Papel fotográfico, 297 x 420mm



Papel fotográfico, 297 x 420mm



Papel fotográfico, 297 x 420mm



Papel fotográfico, 297 x 420mm



Papel fotográfico, 297 x 420mm



Papel fotográfico 420 x 594 mm

Ações Educativas Propostas -

- Atividade conjunta com o Centro de Atendimento ao Surdo - visando debater com meninas surdas sobre o abuso e ferramentas de denúncia;
- Atividade de formação com trabalhadoras e trabalhadores do terminal;
- Oficinas com estudantes/profissionais de pedagogia sobre educação sexual;
- Roda de conversa sobre as políticas públicas e a saúde sexual;
- Roda de conversa com profissional de psicologia sobre sexualidade na infância.

Identidade Visual:**Logo:**

“Museologia no terminal: no combate à exploração sexual de meninas”

Fontes utilizadas: Bebas Neue

Cores utilizadas: Amarelo e preto.

Cartazes:

“A educação sexual e o diálogo são as principais ferramentas de combate à exploração sexual infantil.”

Fontes utilizadas: Montserrat light e Bodoni FLF

Cores utilizadas: Azul escuro, azul claro, verde, vermelho, alaranjado, amarelo, branco.

Dimensão da impressão: 297 x 420 mm (A3)

“90% das vítimas de incesto são meninas”

Fontes utilizadas: League gothic

Cores utilizadas: Amarelo, preto, branco.

Dimensão da impressão: 297 x 420 mm (A3)

“Atenção! Alguns sinais de abuso sexual são: - dificuldade de aprender na escola quando antes aprendia com facilidade; dificuldades de concentração; - comportamento extremamente tenso; - comportamentos muito infantis pra idade; - tristeza, abatimento, profundo choro sem causa aparente, comportamento sexualmente explícito; - demonstra conhecimentos sobre sexualidade inadequados para a idade.”

Fontes utilizadas: Cabin sketch e glacial indifference.

Cores utilizadas: Amarelo e preto

Dimensão da impressão: 297 x 420 mm (A3)

“Denuncie a exploração sexual infantil - disque 100”

Fontes utilizadas: Montserrat e playfar display black.

Cores utilizadas: Amarelo, cinza, marrom, laranja.

Dimensão da impressão: 297 x 420 mm (A3)

“O que é a violência sexual infantil? é o abuso ou exploração do corpo e da sexualidade de crianças e adolescentes”

Fontes utilizadas: Cooper Hewitt

Cores utilizadas: Salmão, branco, preto.

Dimensão da impressão: 297 x 420 mm (A3)

“Denuncie o abuso sexual infantil. segundo dados da Organização Mundial da Saúde 1 em cada 5 mulheres com menos de 18 anos já foi vítima de estupro ou violência sexual no mundo. Disque 100”

Fontes utilizadas: League sparta, lato.

Cores utilizadas: Amarelo, cinza, marrom, laranja.

Dimensão da impressão: 297 x 420 mm (A3)

Ficha técnica:**CONCEPÇÃO, PRODUÇÃO E MONTAGEM:**

Milena de Souza

Ação Educativa:

xxxxxxxxxx
 xxxxxxxxxxx
 xxxxxxxxxxx
 xxxxxxxxxxx
 xxxxxxxxxxx
 xxxxxxxxxxx

Comunicação e divulgação

xxxxxxxxxx
 xxxxxxxxxxx

Identidade Visual:

Milena de Souza

Vice-Diretora da Faculdade de Ciências Sociais
 Michele Cunha Franco

Coordenador do Bacharelado de Museologia
 Rildo Bento de Souza

Vice-Coordenadora do Bacharelado de Museologia
 Vânia Dolores Estavam de Oliveira

Colaboradores:

Luciana Christina Cruz e Souza
 xxxxxxxxxxxxxxxx
 xxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxx
 xxxxxxxx
 xxxxxxxxxxxx

Realização:**FICHA TÉCNICA:**

Reitor da Universidade
 Federal de Goiás
 Edward Madureira Brasil

Vice-Reitora
 Sandramara Matias Chaves

Pró-Reitora de Graduação
 Jaqueline Araujo Civardi

Pró-Reitor de Pesquisa e Inovação
 Jesiel Freitas Carvalho

Pró-Reitora de Extensão e Cultura
 Lucilene Maria de Sousa

Diretora da Faculdade de Ciências Sociais
 Izabela Maria Tamaso

CONCLUSÃO: Ponto final?

O trabalho em questão proporciona reflexões múltiplas sobre a **aplicabilidade** das teorias museológicas e os desafios de colocá-las em prática no formato de uma exposição a ser realizado em um ambiente nada convencional: um terminal de ônibus. Também **possibilitou** pensar o espaço urbano como espaço de dissenso - desafio que se coloca a todos os contextos museais, tradicionais ou não. Refletir sobre as violências diversas e cotidianas enfrentadas pelas mulheres me é muito caro, e fazê-lo pelo prisma da Museologia foi uma experiência marcante e **desafiadora**.

Acredito que engajar a Museologia em lutas pedagógicas por uma educação **libertadora** e ampla, dentro ou fora dos museus é uma atitude revolucionária, firme, pragmática e cada vez mais necessária. Nossos museus têm padecido por falta de verba, de investimento, de capital humano, culminando, no limite, em edifícios incendiados - levando às cinzas muitas de nossas esperanças.

No entanto, o conhecimento, e não só a troca de informação, não padece. E é por isso que devemos investir exatamente nas iniciativas de **diálogos** museais: para mudar a realidade em que nos inserimos, que nos propomos a integrar. Falar de maneira crítica e reflexiva sobre os abusos na infância que milhares de meninas já sofreram é buscar o fim da realidade de opressão e violência, e construir uma sociedade mais **justa** para mulheres. Este trabalho pode ter sido uma gota de água ou menos que isso, mas o objetivo é que ele encaminhe outras pessoas a outras reflexões e que se multipliquem e se tornem infinitos oceanos.

REFERÊNCIAS

Referências bibliográficas:

BEAUVOIR, Simone. O segundo sexo: a experiência vivida. São Paulo: Difusão Européia do Livro, 1960.

BOZON, Michel. Les significations sociales des actes sexuels.in Actes de la Recherche en science sociales,vol 128, 1999: p. 3 – 23.

CHEREM, Andressa Silva Lopes. “Identidades negras e museologia comunitária [manuscrito] “Encrespa Geral – Goiânia” movimento comunitário de mulheres negras protagonistas, guardiãs e comunicadoras de memórias” / Andressa Silva Lopes Cherem - 2016

HEILBORN, Maria Luiza e SORJ, Bila. “Estudos de gênero no Brasil”, in: MICELI, Sérgio (org.) O que ler na ciência social brasileira (1970-1995), ANPOCS/CAPES. São Paulo: Editora Sumaré, 1999, p. 183-221.

HELLER, E. Psicologias del color. 1ª ed. Barcelona: Editorial Gustavo Gilli SL, 2007

HOBBSAWM, Eric. A invenção das tradições. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1997: Introdução

hooks, bell. Ensinando a transgredir: a educação como prática da liberdade / bell hooks; tradução de Marcelo Brandão– São Paulo: Martins Fontes, 2013

HUYSSSEN, Andreas. Seduzidos pela Memória: arquitetura, monumento, mídia. Rio de Janeiro: Aeroplano, 2000.

IBRAM, Acessibilidade a Museus – Cadernos Museológicos, v. 2, p. VII. 2012.

JULIÃO, Letícia. Apontamentos sobre a História do Museu. Caderno de Diretrizes Museológicas I. Brasília: Ministério da Cultura/Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional/Departamento de Museus e Centros Culturais, Belo Horizonte: Secretaria de Estado da Cultura/Superintendência de Museus, 2006.

MOURA DE OLIVEIRA, Rosycleia. "Olhares de Si - Uma Poética Feminina" [manuscrito]: Uma proposta de exposição a partir do acervo do Museu de Arte de Goiânia/ Rosycleia Moura de Oliveira. - 2016.

SAFFIOTI, Heleieth Iara Bongiovani. Gênero, patriarcado, violência. - São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2004. - (Coleção Brasil Urgente)

SCHEINER, Tereza. Criando realidades através de exposições. in Discutindo Exposições: conceito, construção e avaliação/ Museu de Astronomia e Ciências afins (MAST) – Org Marcus Granato e Claudia Penha dos Santos. Rio de Janeiro: MAST, 2006.

VOGUEL, Lise. “Marxism and the oppression of woman: Toward a Unitary Theory”. Chicago: Haymarket Books - 2013

Leis Consultadas:

Estatuto da criança e do adolescente: Lei n. 8.069, de 13 de julho de 1990, Lei n. 8.242, de 12 de outubro de 1991. – 3. ed. – Brasília: Câmara dos Deputados, Coordenação de Publicações, 2001.

BRASÍLIA. Congresso Nacional. Projeto de Lei 246/2019. Disponível em <https://www.camara.leg.br/proposicoesWeb/prop_mostrarintegra?codteor=1707037&filenome=PL+246/2019> . Acesso em: 24/06/2019. Texto Original.

BRASIL. Constituição Federal de 1988. Promulgada em 5 de outubro de 1988. Disponível em <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao.htm>. Acesso em 20/06/2019

Sites Consultados:

ANÁLISE EPIDEMIOLÓGICA DA VIOLÊNCIA SEXUAL CONTRA CRIANÇAS E ADOLESCENTES NO BRASIL, 2011 A 2017, OMS. Disponível em: <<http://portalarquivos2.saude.gov.br/images/pdf/2018/junho/25/2018-024.pdf>>

SOARES, Bruno C. Brulon. Quando o museu abre portas e janelas: o reencontro com o humano no museu contemporâneo, 2008. Disponível em: <http://ppg-mus.mast.br/dissertacoes/bruno_c_brulon_soares.pdf> Acesso em: 23/06/2019

CHAGAS, Mário. Memória e Poder: dois movimentos. 2011. Disponível em: <http://www.museologia-portugal.net/files/memoria_e_poder_dois_movimentos.pdf> Acesso em: 19/06/2019

GARCIA, Valéria Aroeira. “A educação não formal e a questão social” 2005 Disponível em:<<http://cacphp.unioeste.br/projetos/gpps/midia/seminario2/trabalhos/educacao/medu05.pdf>> Acesso em: 27/05/2019

PÉREZ, Caroline Criado. Invisible Women: Data Bias in a World Designed for Men, 2019. Disponível em: <https://www.academia.edu/38566275/Invisible_Women_Data_Bias_in_a_World_Designed_for_Men_by_Caroline_Criado_P%C3%A9rez_2019>. Acesso em 21/06/2019.

SAFFIOT, Heleieth I.B. Contribuições feministas para o estudo da violência de gênero. 2001. Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-83332001000100007>. Acesso em 20/06/2019 .

SOUZA, Terezinha Martins dos Santos. Patriarcado e Capitalismo: uma relação simbiótica. 2016. Disponível em <<file:///C:/Dialnet-PatriarcadoECapitalismo-5297864.pdf>>. Acesso em: 24/06/2019

PESQUISA NACIONAL POR DOMICÍLIO. IBGE. Disponível em:
<<https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv98887.pdf>>. Acesso em:23/06/2019.

ANEXOS



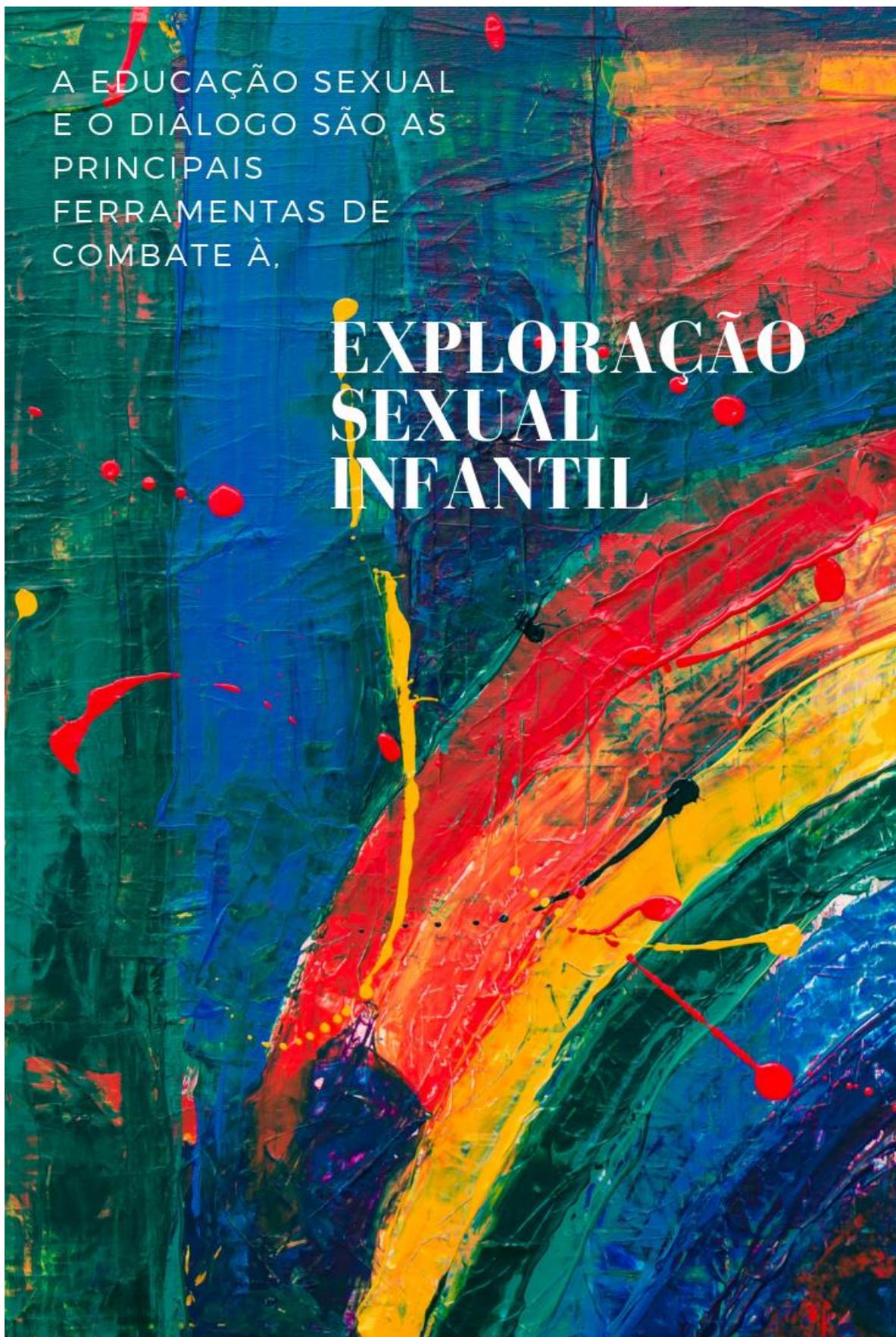
MUSEOLOGIA
NO TERMINAL

Muitas vezes, na correria do cotidiano, é difícil ver além do óbvio. E escutar o que as pessoas têm a dizer, principalmente as crianças, torna-se árdua tarefa. Esta exposição museológica pretende interromper a paisagem rotineira de quem passa pelo terminal e chamar a atenção para problemáticas, sinais e formas de denúncia acerca da exploração sexual infantil, com ressalva para a violência sexual de meninas, maioria absoluta de vítimas dessas práticas.

MUSEOLOGIA NO TERMINAL:
no combate à exploração sexual de
meninas.

A EDUCAÇÃO SEXUAL
E O DIÁLOGO SÃO AS
PRINCIPAIS
FERRAMENTAS DE
COMBATE À,

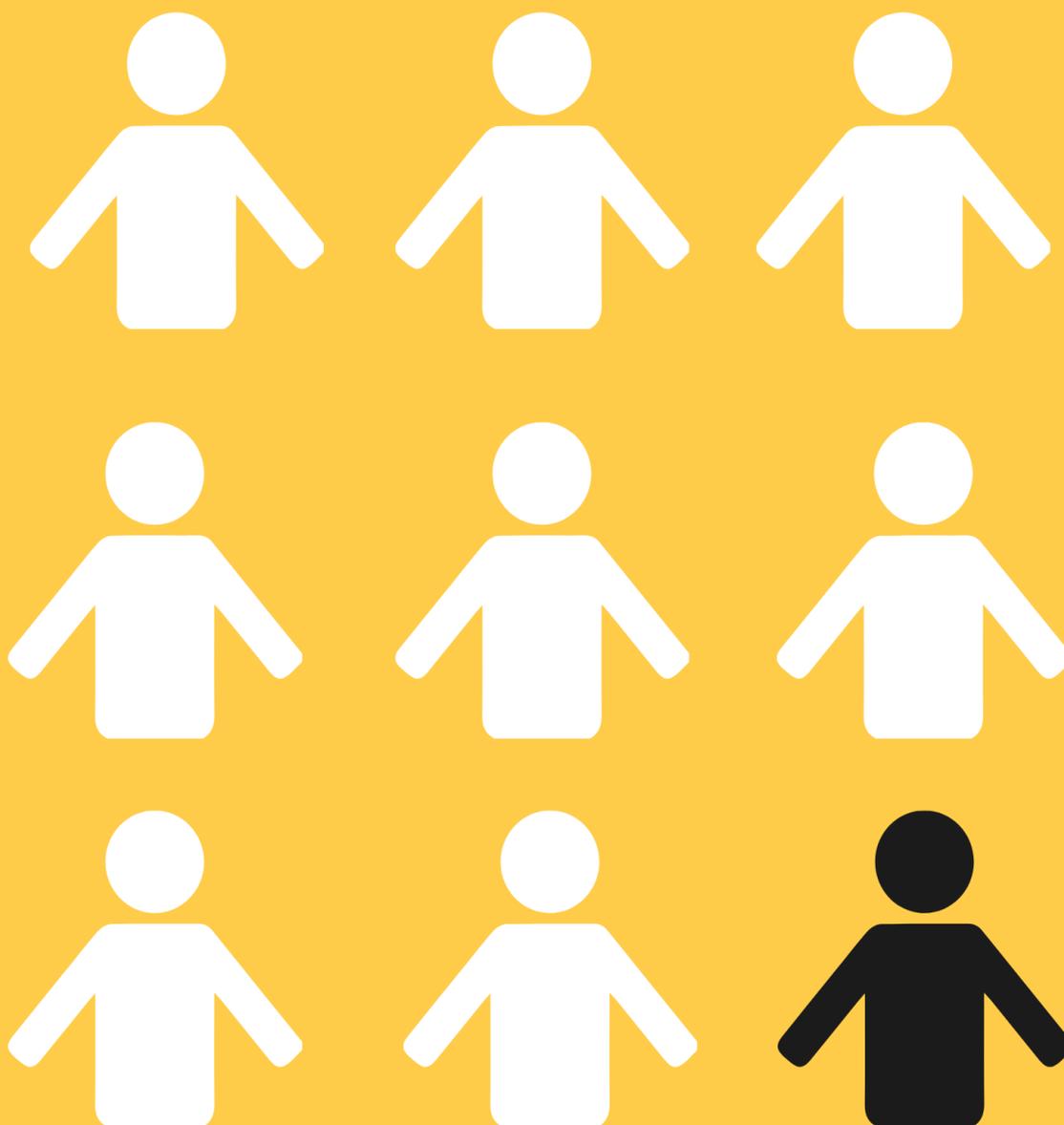
EXPLORAÇÃO SEXUAL INFANTIL



The background of the page is a solid, vibrant red color with a fine, fibrous texture, resembling a carpet or a heavy fabric. The texture is consistent across the entire page, providing a tactile and visually striking backdrop for the text.

O QUE É A VIO LÊN CIA SEXUAL INFANTIL?

**é o abuso ou
exploração do corpo e
da sexualidade de
crianças e
adolescentes**



**90% DAS VÍTIMAS DE
INCESTO SÃO
MULHERES**

Atenção!

ALGUNS SINAIS DE ABUSO SEXUAL SÃO:

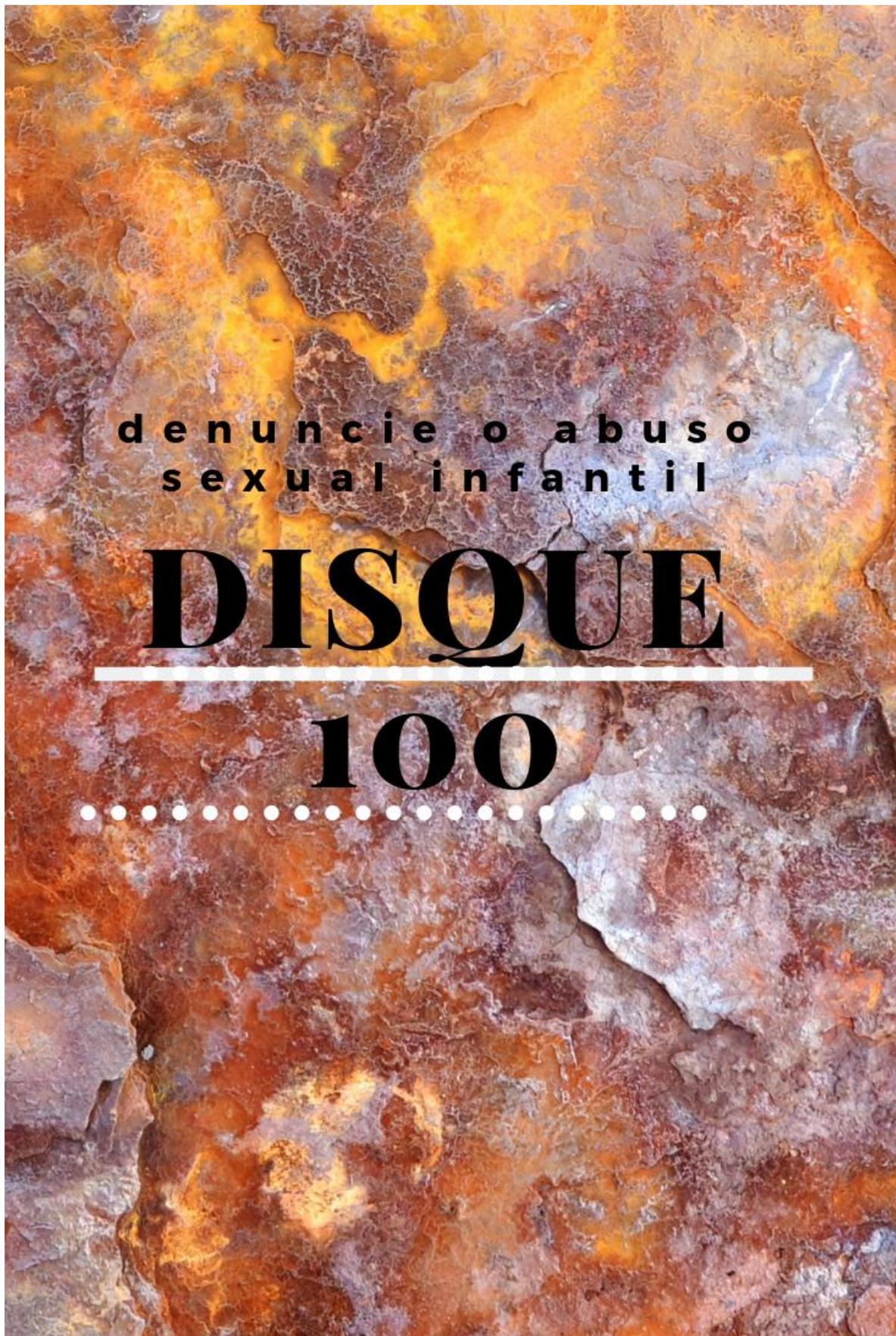
- DIFICULDADE DE APRENDER NA ESCOLA, QUANDO ANTES APRENDIA COM FACILIDADE;
- DIFICULDADES DE CONCENTRAÇÃO;
- COMPORTAMENTO EXTREMAMENTE TENSO
- COMPORTAMENTOS MUITO INFANTIS PARA A IDADE;
- TRISTEZA, ABATIMENTO PROFUNDO OU CHORO SEM CAUSA APARENTE;
- COMPORTAMENTO SEXUALMENTE EXPLÍCITO
- DEMONSTRA CONHECIMENTO SOBRE SEXUALIDADE INAPROPRIADO PARA A IDADE)

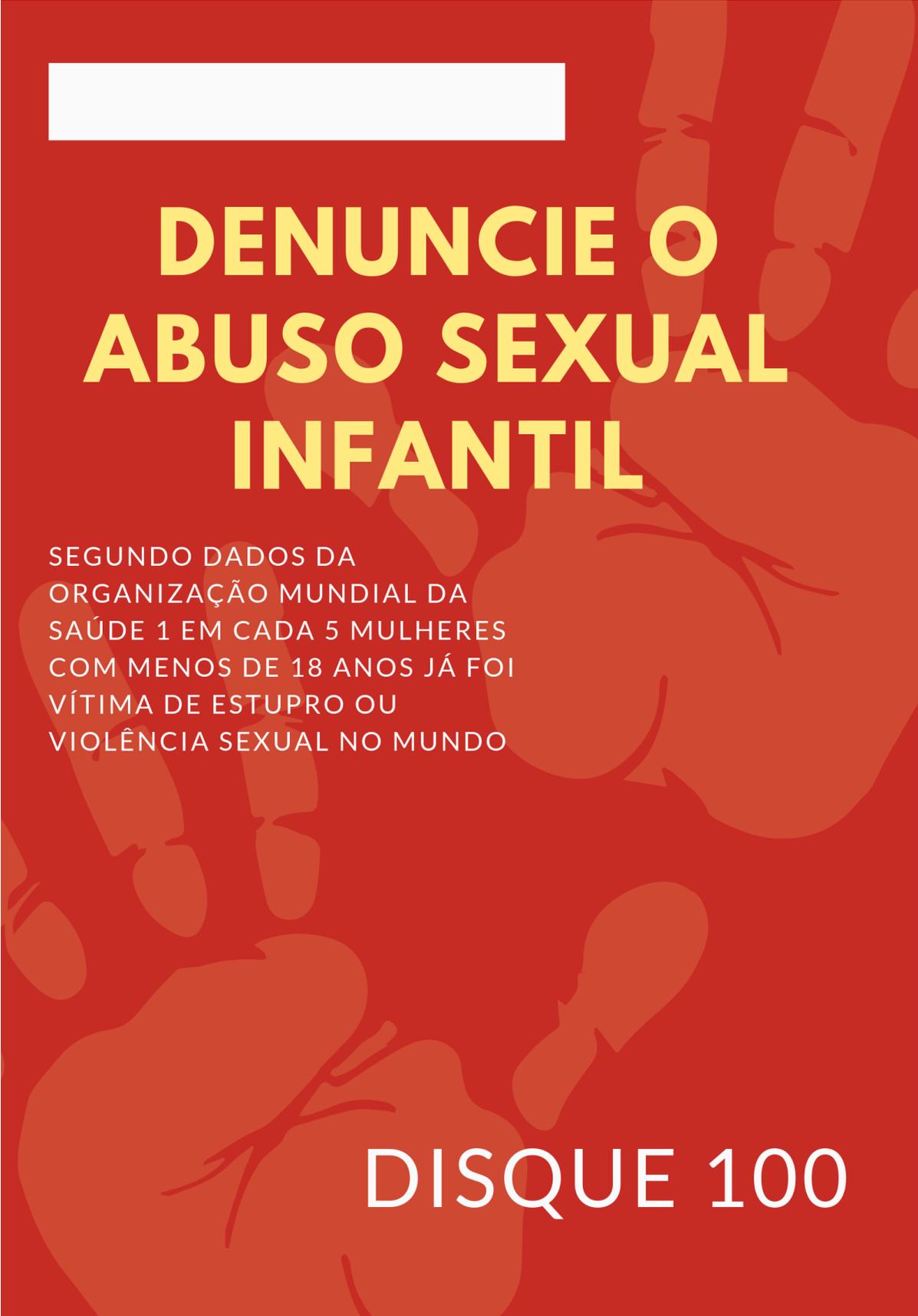
denuncie o abuso
sexual infantil

DISQUE

100

.....





DENUNCIE O ABUSO SEXUAL INFANTIL

SEGUNDO DADOS DA
ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA
SAÚDE 1 EM CADA 5 MULHERES
COM MENOS DE 18 ANOS JÁ FOI
VÍTIMA DE ESTUPRO OU
VIOLÊNCIA SEXUAL NO MUNDO

DISQUE 100

